

# Capinzais substituem as florestas no Rio

Mapa mostra que capim colônio avança sobre as encostas desmatadas da cidade e chega a ocupar 20% de toda a área do município

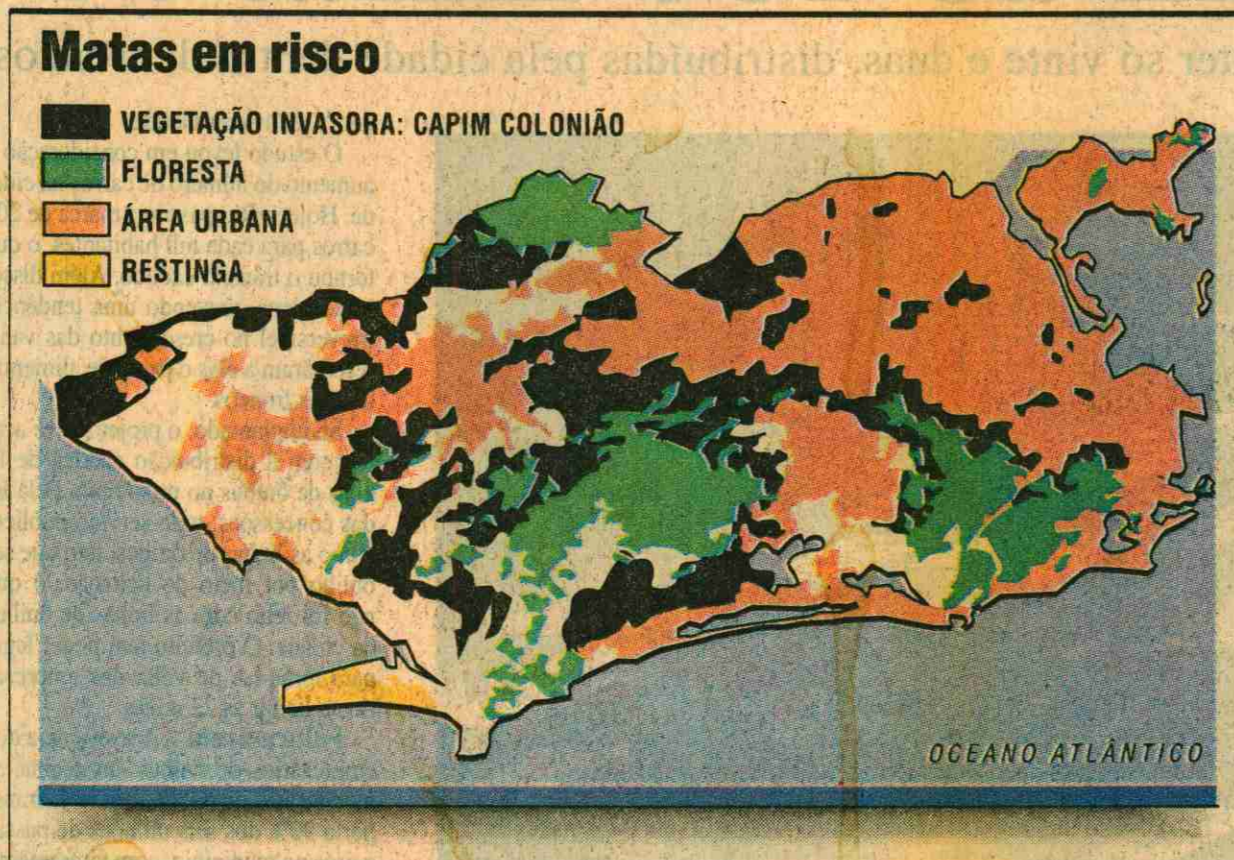
Cidade onde a quantidade de florestas urbanas supera a maioria das megalópoles mundiais, o Rio tem esta condição ameaçada por um inimigo do próprio reino vegetal. Levantamento feito pelo satélite francês *Spot* para a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, anunciado ontem, revela que o capim colônio está avançando rapidamente sobre áreas originais de floresta e já ocupa 20% de toda a área do município.

Esta é a principal constatação do mapeamento da cobertura vegetal da cidade – o primeiro em 13 anos – concluído pela secretaria de Meio Ambiente. O mapa, que demorou mais de um ano e meio para ser elaborado, foi mostrado pelo secretário Maurício Lobo. Segundo o levantamento aerofotogramétrico realizado pelo *Spot*, 20% do território carioca é constituído por áreas já desmatadas e ocupadas por capim colônio, tecnicamente chamadas de “campos antrópicos”.

Da família das gramíneas, o *Paspalum Densum*, o nome científico do colônio, chega a atingir até 2,5 metros. Estriado, com lâmina de folhas lineares de margens ásperas – podem até cortar a pele – cresce rapidamente em moitas e é considerado ótimo para forragem de gado. É comum em toda a extensão do litoral brasileiro.

**Crescimento rápido** – Segundo o biólogo da secretaria Carlos Eduardo Goes Jamel, devido ao seu rápido crescimento e disseminação, o capim impede o desenvolvimento de outras espécies vegetais, pois ocupa o solo e não deixa que o sol faça germinar as outras sementes. Este tipo de vegetação demarca as áreas por onde a expansão urbana avança sobre as florestas. O colônio também é conhecido por sua facilidade de combustão. Boa parte dos incêndios em encostas da cidade, este ano, ocorreu em áreas com este tipo de cobertura vegetal.

Apesar da ameaça, o carioca man-



tém uma condição privilegiada em relação a outras grandes cidades do mundo. De acordo com as conclusões do mapa, cada morador do Rio ainda dispõe de 67,2 metros quadrados de área vegetal, enquanto o mínimo exigido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é de 12 metros quadrados por habitante. Maurício Lobo está preocupado com o avanço urbano. “As áreas urbanizadas ou em vias de urbanização já somam quase 50% do território, enquanto as áreas de vegetação natural não passam de 30%”, alerta.

**Ilhas** – O estudo também confirma que o crescimento urbano está ilhando e alterando as áreas florestais da cidade. Localizadas principalmente em regiões de altitude mais

elevada, o desmatamento deixa estas encostas mais vulneráveis à ação das chuvas. Das regiões de relevo elevado do município (maciços), o do Mendanha, na Zona Oeste, tem a maior área de cobertura florestal percentual (84,55%). O maciço da Tijuca, na Zona Norte – onde ocorreram os deslizamentos nas nas enchentes do verão de 1996 (em Jacarepaguá) – vem em segundo lugar (61,69%). Em terceiro, está o maciço da Pedra Branca (55,25%), também na Zona Oeste. Neste último, as encostas estão sendo ocupadas por bananeiras.

As áreas úmidas com vegetação, como mangues e apicuns dividem com as florestas as preocupações ambientais da prefeitura. Vegetação que nasce em áreas alagadas, o apicum,

explica o biólogo Carlos Eduardo, funciona como filtro e unidade de tratamento das águas do mar. “O mapeamento dessas vegetações, muitas delas aterradas no passado, ajudará a preservá-las.” complementa.

Com base no que mostra o mapa feito a partir do satélite, as secretarias municipais de urbanismo e meio ambiente irão, a partir de agora, dividir a cidade em 5 principais áreas, descentralizando as ações. Maurício Lobo entende que é preciso continuar com as ações de reflorestamento em encostas ameaçadas. Alguns resultados, inclusive, foram detectados pelo levantamento. “É possível localizar áreas reflorestadas de mais de 4 hectares”, observa.